

**Preconceito e economia: breve estudo sobre o tuberculoso em São José dos Campos e Campos do Jordão na primeira metade do século XX**

Stefan Artur Gerzoschkowitz Pinheiro

Maria Helena Alves da Silva

Valéria Zanetti

**A tuberculose e as estâncias climáticas**

Desde a antiguidade, a tuberculose era descrita como uma doença que consumia o corpo, como observou John de Trevisa (1342-1402) ao afirmar que, “quando o sangue afina, segue-se a consumpção e o definhamento” (SONTAG, 2007, p. 16). Do latim, *tuberculum*, significa inchaço ou intumescência. A palavra tuberculose estava relacionada a uma espécie de protusão anormal, e era entendida como uma doença dos pulmões e de grandes contrastes: junto do rubor facial vermelho e da branca palidez, vinha hiperatividade, a tosse e o emagrecimento (SONTAG, 2007, p. 16 e 17).

Para Vianna (2010, p. 53), “não há dúvida de que a simples menção da palavra tuberculose, ao redor de 1900, provocaria um imenso medo”. Como nota Susan Sontag, no final do século XIX e início do século XX a tuberculose era equivalente a uma sentença de morte, e tanto médicos como a família eram relutantes em falar o nome da doença, como escreveu Franz Kafka (1883-1924), “pois quando se conversa a respeito de tuberculose [...] todos recaem num modo de falar acanhado, evasivo, de olhos vidrados” (SONTAG, p. 13).

No final do século XIX até o início do século XX, surgem as primeiras preocupações com a higiene do espaço urbano das grandes cidades brasileiras. A historiadora Valéria Zanetti afirma que, “de modo geral, os problemas de saúde tornam-se foco de atenção quando surgem as epidemias” (Zanetti, 2012, p.29). Com relação ao controle da tuberculose, podemos considerar que o governo alemão foi pioneiro nas práticas que visavam o controle da doença, pois em 1892, a Alemanha já dispunha de uma rede sanatorial custeada por um fundo criado por trabalhadores. Tal rede sanatorial difundiu-se rapidamente por toda Europa e logo chegou nas Américas. No entanto, como observou Bertolli Filho, esses sanatórios para tratamento da tuberculose

representaram a exclusão dos pacientes do restante da sociedade (Bertolli Filho, 2001). No final do século XIX e início do século XX, a tuberculose dispunha de explicações biológicas e sociais, estabelecendo assim, enredos possíveis para a história dos infectados, desdobrando-se até mesmo no contexto brasileiro (Bertolli Filho, 2001).

Zanetti (2012) apresenta que as medidas de contenção de doenças eram restritas aos médicos, que se dividiam em dois grupos com opiniões diferentes: os “contagionistas” e os “infeccionistas”. Para os médicos “contagionistas” o contágio das doenças se dava pelo contato físico ou pelo ar contaminado. Estes recomendavam o isolamento em hospitais, estabelecidos em locais distantes da área central das cidades (Chalhoub apud Zanetti, 2012, p.30). Já os “infeccionistas” ligavam as epidemias às partículas suspensas provenientes de água estagnada e de animais e vegetais em decomposição, que tornavam o ar contaminado. Defendiam a eliminação de locais produtores das “emanações miasmáticas” por meio de intervenções sanitárias (Follis apud Zanetti, 2012, p.30).

A partir da década de 1930, começaram as tentativas do Estado de criar e organizar as estâncias climatéricas de acordo com suas necessidades, visando assim, a melhoria no tratamento da tísica e a maior profilaxia da tuberculose (Mascarenhas apud Vianna, 2004, p.67). Para Viana, isso se deu a partir de 1931 em virtude das transformações promovidas pelo Estado. Por essa época, a Seção de Profilaxia da Tuberculose possuía as funções de fiscalizar e coordenar hospitais e sanatórios, além de realizar pesquisas relacionadas à tuberculose e à execução de atividades de dispensários (Vianna, 2004, p.67), em virtude das transformações promovidas pelo Estado. Para São José dos Campos, isso se deu com o Decreto nº 7.007, de 12/03/1935, que cria a estância climatérica "com a área e os limites do atual município do mesmo nome" (DECRETO).

### **São José dos Campos e Campos do Jordão como estâncias climatéricas**

Paula Vianna tratou do contexto sanatorial do interior de São Paulo, especialmente das regiões do Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira. Pode-se considerar que o início da fase sanatorial, nas duas regiões apresentadas, foi anterior às legislações de 1926 e 1931, pois como evidenciou Vianna, em 1911, foi aprovado um projeto de lei que regulamentava a instalação do primeiro sanatório em Campos do

Jordão e o princípio da linha férrea que conduziria os tuberculosos até a cidade. O projeto fora subsidiado pelo Estado e beneficiaria diretamente a Emílio Ribas e a Victor Godinho, os principais acionistas da Sociedade Anônima Estrada de Ferro Campos do Jordão (Mota, 2001; Bertolli Filho, 1993 apud Vianna, 2004, p.67). Em São José dos Campos, os trens também eram intimamente ligados à questão da tuberculose: como podemos observar no depoimento de Ângela Savastano, vice-presidente do Centro de Estudos da Cultura Popular, instituição ligada à Fundação Cultural Cassiano Ricardo, quando chegou em São José dos Campos na metade da década de 1940:

*[...] eu vim de trem, que antigamente a condição de se chegar em São José era de trem. E me lembro muito bem que quando se foi aproximando o trem de São José, todos os passageiros do vagão já tiraram o lenço e puseram assim, amarrados, e eu estava com a minha irmã mais velha que tinha ido me buscar, e eu falei "O que que é isso né?" e ela falou "Ah isso é o ar, porque quando passa aqui tem que botar isso pra não respirar o ar de São José" e isso eu me lembro bem da minha chegada aqui (SAVASTANO, 1992, pág. 1).*

Müller (apud Vianna, 2004, p.100) aponta que, em 1900, São José dos Campos possuía apenas 7% da população do Vale do Paraíba, sendo menor que as cidades de Guaratinguetá, Taubaté, Pindamonhangaba e São Luís do Paraitinga. Em 1920, a cidade se tornou uma estância climática. Vianna expõe que, por meio da análise do jornal Correio Joseense é possível encontrar duas correntes de pensamento, uma que apoiava a chegada dos doentes à cidade e a outra que criticava veementemente a entrada de doentes na cidade. Em São José dos Campos, tais correntes ambíguas dividem espaços nos jornais, ora criticando o serviço sanitário da cidade, ora exaltando a cidade acolhedora, os seus médicos e todo dinamismo urbano trazido pela moléstia.

A autora evidencia também que o preconceito colaborou para esquecimento da memória sanatorial. Vianna mostrou que o jornal Correio Joseense, lançado em 1920, dedicou 24 edições, das 40 publicadas no citado ano, à tuberculose. As publicações principais incluíam um conjunto de artigos de Instruções Sanitárias. Para a autora,

*Estes artigos traduzem a importância da imprensa na divulgação sobre a tuberculose, e reproduzem textos que guardam sua origem em documentos europeus, como as recomendações do Relatório da Comissão de investigação de Paris de 1985, cujo conteúdo se assemelha às recomendações do serviço estadual, elaboradas no mesmo período e divulgadas no interior de São Paulo no início do século XX (Mota, 2001, p.144), e mais especificamente, em São José, em 1901 (VIANNA, 2004, p.115).*

Para Valéria Zanetti, São José dos Campos desfrutava de certa ordem urbana no início do século XX. A autora apresenta o desenvolvimento de diversas áreas atreladas aos serviços de tratamento da tuberculose, dentro da dinâmica econômica da cidade. A célebre frase do então prefeito sanitário Dr. Rui Dória, não deixa dúvidas com relação à força da saúde ou da doença, no espaço central urbano da cidade de São José dos Campos. Antes mesmo de se tornar uma estância climática, o prefeito Rui Dória, médico fisiologista, assim se pronunciou: "não precisamos de máquinas. Isso é para Taubaté e Jacareí. Precisamos é de doentes. Essa é a nossa indústria" (Bondesan apud Zanetti, 2012, p. 59).

Zanetti apresenta que existia um pensamento negativo em relação à economia da cidade em 1922. O correio joseense apresentado pela autora evidencia que a estagnação do desenvolvimento da cidade se dava pela "falta de estabelecimentos industriais fabris de certo vulto, capazes de criar uma forte população operária" (Correio Joseense, 04/06/1922). Quanto a Campos do Jordão, podemos perceber, já no início da década de 1950, especificamente a partir do jornal "A Cidade de Campos do Jordão", na edição de 10 de Junho de 1951, grande repúdio dos colunistas pelo apelido de "Cidade Enferma". Como se pode ler no jornal: A nossa cidade é clima aconselhado para a cura da tuberculose, mas nas outras cidades existem mais doentes do que aqui, o que lhes valerá também, a prevalecer a lógica dos heletistas em referência, o mesmo nome enfermiço (A Cidade de Campos do Jordão, 1951, pág. 101).

A partir de 1930, a lógica da realidade do espaço da cidade de São José dos Campos não deixava dúvidas: o motor da economia do município girava em torno dos equipamentos e espaços relacionados ao tratamento da tuberculose. Já Campos do Jordão se concentraria, posteriormente, no turismo – como se afirmaria no jornal "Campos de Jordão – Notícias", que a cidade teria três estágios em sua história: "o primeiro foi o sanatorial, o segundo o do turismo e o terceiro o do incremento imobiliário" (Campos de Jordão – Notícias, 1977, pág. 66).

A economia sanatorial criou uma rede de serviços relacionada à cura da tuberculose. O comércio funerário se tornou um negócio atrativo em São José dos Campos, uma vez que a taxa de mortalidade, tendo a tuberculose como causa, não era baixa e, com o constante fluxo de doentes, também era alta a demanda por esquifes, ataúdes e caixões. Zanetti reforça a intensa especulação em torno da morte, apoiada no

Projeto de Lei de 18 de março de 1930 que concedia exclusividade do serviço funerário à Santa Casa de Misericórdia de São José dos Campos.

Valéria Zanetti evidencia a singularidade do sistema sanatorial instalado em São José dos Campos. Para a autora

*(...) o doente da fase sanatorial joseense vai ser atraído para o espaço urbano central, espaço que receberá, graças ao capital oriundo da doença e de seus imigrantes, uma atenção maior do poder público, viabilizando e sustentando o espaço central da cidade. A fase sanatorial joseense privilegiou o espaço central da cidade, modernizando-o sob os auspícios da doença. Foi justamente a doença que retirou de São José dos Campos o status de cidade morta (Zanetti, 2012, p. 60).*

A atenção do Estado, antes mesmo da inauguração do Sanatório Vicentina Aranha em 1924 fez com que São José dos Campos passasse pelas transformações mais aparentes em seu contexto urbano. Vianna mostra que “(...) as obras de melhoramentos eram o principal componente básico do gasto público em 1922: obras de saneamento básico, iluminação pública e a construção do mercado representam 45,8% das despesas” (Vianna, 2004, p. 103).

Mas quase todas as obras de infraestrutura foram feitas com interesses diversos, além das melhorias propostas para a modernização da cidade. A partir de 1938, quando a cidade já era elevada à estância climatérica, o Estado faz uma reforma sanitária. Tal reforma visava a transformação do centro de saúde, instalado recentemente em São José dos Campos, em sede da normatização da vida na estância. Nesse momento, o centro de saúde local, se tornava os olhos da Higiene Pública do Estado, que cada vez mais:

*buscava, esquadrihar o espaço joseense, localizando os tísicos desamparados e, não raramente, seqüestrando-os em nome da segurança dos sadios. Colhidos nas malhas policiais da Saúde Pública, os tuberculosos eram forçados ao isolamento nos pavilhões improvisados ou, mais freqüentemente, eram devolvidos aos locais de onde haviam partido, sendo que para esta finalidade foram criadas várias entidades que, sob a máscara da filantropia, tinham como objetivo afastar da estação vale-paraibana os visitantes infectados e destituídos de recursos pecuniários (Bertolli Filho, 2001, p. 140).*

Nesse contexto de exclusão e até reclusão dos tuberculosos, podemos perceber o caráter panóptico das políticas públicas estaduais e municipais. Michel Foucault em seu livro “Vigiar e Punir: o nascimento da prisão” dá um panorama geral das práticas de controle social a partir da transformação dos castigos corporais para a reclusão em

prisões. O autor apresentado se torna extremamente importante para entender como as instituições governamentais tornam São José dos Campos uma cidade que pratica uma vigilância constante sobre sua população, como notou Edmundo Rocha, em sua entrevista para o Projeto FAPESP "Memória da fase sanatorial em São José dos Campos e Campos do Jordão, SP (1920-1960)", na década de 40,

*[...]existia, assim, uma preocupação muito grande em separar o doente da pessoa sã, certo, por que na realidade sempre existia, por parte de muitas pessoas, aquela preocupação de contrair a tuberculose [...]. E existia inclusive aquela coisa muito desagradável que, em algum local, onde tinha pessoas sãs conversando, se entrava alguma pessoa reconhecidamente tuberculosa, as pessoas sãs saiam fora né..." (ROCHA, 2015, p.4).*

Além disso, na cidade de Campos do Jordão, para se hospedar em hotéis era necessário levar um exame de radiografia, raio-x ou qualquer atestado médico provando que não era portador da tuberculose:

*O Grande Hotel era o maior hotel que nós tínhamos em Campos do Jordão. O Grande Hotel só para vocês terem uma ideia, ele tinha uma médica do hotel, tinha aparelhagem de raio x, e a pessoa que ia se hospedar no hotel já ia se consultar com a médica, já passava no raio x. [...] Agora os outros hotéis que não tinham esse médico e que não tinham o raio x, tinham que passar no centro de saúde nos dispensários, e fazer a biografia para se hospedar (ROCHA, 2015, p.6),*

Ainda em relação ao mercado hoteleiro e turístico de Campos do Jordão, encontramos no jornal "A Cidade de Campos do Jordão", de 1951, uma matéria que expunha a opinião de um leitor que ressaltava a necessidade de Campos do Jordão incentivar o lado turístico da cidade, mas sem deixar de lado o momento sanatorial que entrava em declínio:

*Indiscutivelmente, não se encontra outro centro sanatorial melhor aparelhado. Com referência ao turismo, é que suponho, estamos na sua fase inicial, apesar de contarmos já com um belo núcleo de hotéis de luxo. Entendo, no entanto, que para realmente explorarmos o turismo, não bastam esses hotéis de luxo; faltam-nos os hotéis para a classe média, muito mais numerosa e que também merece ser contemplada. Não se admite também, que o turismo seja praticado somente com hotéis; temos que criar o ambiente completo (...). (A Cidade de Campos do Jordão, 1951, p.153)*

Para Savastano, a maior diferença da fase sanatorial entre as cidades de Campos do Jordão e São José dos Campos é que, em São José, os sanatórios se concentravam no centro da cidade, e assim os moradores viviam muito mais próximos dos doentes do que em Campos do Jordão, onde os sanatórios foram construído mais distantes da cidade:

*Na época do pico da doença, concentrou um maior número de tuberculosos do que em Campos do Jordão, porque inclusive era mais fácil chegar a São José, e tinha muita pensão, pensão no centro da cidade. Então eu não sei, mas eu acho que Campos do Jordão tem que levar em consideração isso. As pessoas já viviam mais separadas, 3 vilas diferentes, por exemplo o sanatório era na terceira vila, na Bernessia, é a primeira né? Ficava distante. Lá no morro, lá em cima. Então eu acho que tem que considerar isso, porque São José, os moradores moravam nos bairros, os principais sanatórios tudo aqui no centro. A cidade respirava a fase sanatorial. (SAVASTANO, 2016, p. 3).*

Vale salientar que o modelo sanatorial alemão apresentado por Bertolli Filho, já visava em 1892 controlar e afastar a população doente dos grandes centros urbanos. São José dos Campos, no entanto, possuiu um sistema sanatorial com geografia diferenciada, levando os doentes para o centro da cidade. Justamente por isso, a cidade precisou se “armar” contra a propagação da doença. Os autores apresentados até o momento mostram que a tuberculose era vista anteriormente como uma doença da classe periférica, fato que não se mostrou real uma vez que a doença não escolhia classe social, atingindo diretamente também a alta sociedade.

A relação da alta sociedade com a tuberculose é interessante quando analisada sob a ótica das falas populares que dizem que, quando doentes, a classe alta ia se tratar em Campos do Jordão enquanto os pobres vinham diretamente para São José dos Campos.

No contexto urbano joseense, principalmente entre 1920 – 1950, a dualidade está sempre presente nas transformações políticas e no espaço urbano da cidade. Nesse momento, podemos questionar se as medidas, principalmente o alargamento das vias, a divisão da cidade em zonas e a política assistencialista, eram realmente em prol da profilaxia da tuberculose. Tal questionamento nos proporciona uma visão diferenciada sobre o modelo político, urbano e sanatorial implantado em São José dos Campos nesse período.

O sanatório, da mesma maneira que o hospital, pode ser considerado uma instituição panóptica. Como apresentado por Foucault, uma instituição panóptica visa “melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir.” (Foucault, 1999, p.232) A divisão do sanatório em blocos não é somente para diferenciar os doentes que pagavam pelo tratamento dos que recebiam gratuitamente. Servia também para evitar

uma aglomeração de pessoas, permitindo “a individualização coercitiva, pela ruptura de qualquer relação que não seja controlada pelo poder ou ordenada de acordo com a hierarquia” (Foucault, 1999, p.268).

### **Considerações finais:**

Podemos considerar que, mesmo com a preocupação tardia do Estado em aplicar políticas que viabilizassem a profilaxia e o tratamento da tuberculose, a tísica deixa suas marcas no interior paulista muito antes de 1930. As cidades de São José dos Campos e Campos do Jordão foram beneficiadas pelos primeiros fluxos de doentes que chegavam ao interior buscando tratamento. É possível evidenciar, através da mídia impressa joseense, que a cidade estava dividida em relação à presença de tuberculosos no município. Se parte da população era resistente quanto à presença da tísica e seu acometido, a administração municipal já havia aceitado sua condição de Estância Climática, ficando claro através do discurso do Prefeito Sanitarista e tisiólogo, Rui Dória, que passava a ver com bons olhos os tuberculosos que procuravam tratamento na cidade, pois os mesmos faziam uso de serviços públicos e privados, movimentando a acanhada economia da cidade.

Já no caso de Campos do Jordão, podemos encontrar no jornal "A Cidade de Campos do Jordão", de 1951, forte repúdio ao rótulo de “cidade enferma”, dado pelo autor Paulo Dantas. Além de tal repúdio, iniciava em 1951 as primeiras tentativas de transformar definitivamente a cidade de Campos do Jordão em uma Estância Turística. No geral, podemos considerar que a partir de 1951 a mídia da cidade já cedia mais espaço para discussões em relação ao turismo, mas sem deixar de considerar a importância que o clima da cidade teve para seu desenvolvimento urbano por meio dos incentivos públicos, privados e assistencialistas que transformaram a cidade no decorrer de sua fase sanatorial.

No geral, encontramos jornais e revistas representando de formas diferentes o tuberculoso nas duas cidades. Enquanto a mídia joseense discutia seu inevitável futuro como Estância Climática, a mídia de Campos do Jordão divulgava amplamente os avanços da estrutura sanatorial da cidade, ao mesmo tempo que "vendia" seu clima com fins turísticos.

### **Depoimentos Orais:**

ROCHA, Edmundo. Depoimento concedido aos pesquisadores do projeto FAPESP no 2014/11849-0 “Memórias da Fase Sanatorial em São José dos Campos e Campos do Jordão”. São José dos Campos, 2015.

SAVASTANO, Maria Ângela Biovesan. Depoimento concedido ao Projeto Patrimônio Humano em Agosto de 1992. DVD e transcrição disponível no Pró-Memória São José dos Campos.

SAVASTANO, Maria Ângela Biovesan. Depoimento concedido aos pesquisadores do projeto FAPESP no 2014/11849-0 “Memórias da Fase Sanatorial em São José dos Campos e Campos do Jordão”. São José dos Campos, 2016.

### **Fontes Impressas**

JORNAL “A Cidade de Campos do Jordão”, 10 de Junho de 1951. Digitalização disponível no Pró-Memória São José dos Campos.

JORNAL “A Cidade de Campos do Jordão”, 11 de Novembro de 1951. Digitalização disponível no Pró-Memória São José dos Campos.

JORNAL “Campos de Jordão – Notícias”, Maio de 1977, Ano II, nº 22. Digitalização disponível no Pró-Memória São José dos Campos.

### **Referências Bibliográficas**

FILHO, C. B. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950** . Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001

DECRETO Nº 7.007, de 12/03/1935. Acesso em 05 de Julho de 2016. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=122643>>

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. tradução de Raquel Ramallete

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIANNA, Paula Carnevali. A Estância Climatérica de São José dos Campos: condição natural ou construção social? In: **Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença**. PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria (Orgs.). São Paulo: Intergraf, 2010.

VIANNA, Paula Carnevali. **Saúde e cidade: uma relação inscrita no espaço e no tempo; a fase sanatorial de São José dos Campos (SP) e sua influência sobre os serviços de saúde da década de 1980.** Tese apresentada ao Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2004. 2010 páginas.

ZANETTI, Valéria. **Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.